

SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ

Nelson de Jesus Teixeira Júnior¹

Resumo:

Sosígenes Costa, mesmo distante dos vanguardistas paulistanos, levava ao público da Bahia Novecentista um pouco desse contexto modernista até então vigente, o que terminava viabilizando ao Sul da Bahia, em 1928, em pleno auge do cacau como definidor de modos de pensar e de viver, o acesso ao que de mais revolucionário havia na criação literária brasileira. Nesse ato de elaboração literária, as possibilidades “elásticas” entre a escrita jornalística e a escrita literária se fundem na pretensão de informar e formar opinião acerca do novo trazido pelo Sosígenes Costa. Nessa crônica foi apresentado um “jogo” de inscrição de muitas imagens e de várias ideias na tentativa de, ainda que não completamente compreendidas pelo público do jornal, conduzir ao leitor baiano o Modernismo brasileiro e, nesse sentido, essa narrativa “liberava” acesso ao cotidiano da “metrópole”, visto pelo lado de cá, da Bahia de 1928. O objetivo desse texto é apresentar – criticamente – através da análise de algumas passagens da crônica modernista intitulada de “Coerências”, escrita pelo escritor baiano em 1928, o Modernismo através do personagem Sósmacos. Trata-se de uma narrativa em que, mesmo escrita e publicada fora do eixo Rio de Janeiro -RJ / São Paulo - SP, ocupava as páginas do jornal *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, e trazia (de modo peculiar) aos leitores baianos o que ocupava os grandes centros nas décadas iniciais do século XX, a saber: o Modernismo brasileiro. Para tanto, verificaremos a forma de elaboração literária nessa narrativa, bem como as relações que o autor consegue estabelecer com o seu tempo no ato da escrita. Nessa pretensão crítica, recorreremos a alguns pensamentos poéticos de Manuel Bandeira, aos esclarecimentos sobre modernidade de Walter Benjamin (1975), à visão literária de Antônio Candido (2007), às observações sobre Sosígenes e seus escritos organizados por Gilfrancisco (2001), ao que afirma Stuart Hall (2005) sobre identidade e, por fim, aos conceitos sobre Modernismo indicados por Frederick Karl (1988). Há outros autores que darão sustentabilidade crítica e teórica acerca dessa crônica sosigeniana que, para além de tentar estabelecer uma comunicação local, levava o nacional para o lado de cá, da Bahia, por meio das representações que circulavam em vários Jornais e Revistas que tomavam ao espaço brasileiro.

Palavras-chave: Sosígenes Costa; Literatura brasileira; Modernismo; Crônica.

Sosígenes Costa foi um poeta e cronista baiano que publicou diversas crônicas na década de 1928 no jornal *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, e mesmo escrevendo fora do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, o cronista não estava alheio aos acontecimentos literários que tomavam os grandes centros do Brasil. Na narrativa escolhida para análise, o baiano traz à baila a figura do Sósmacos, “personagem” comum nas crônicas da Coluna intitulada Diário de Sósmacos,

¹ Doutorando da Pós-Graduação em Letras da UNESP (IBILCE) de São José do Rio Preto - SP, ingressante no ano de 2015.1. Bolsista do Programa de Apoio à Capacitação de Docentes e Técnicos da UNEB, PAC-DT. E-mail: j-nelson2004@ig.com.br

assinada pelo pseudônimo de Príncipe Azul. Entretanto, o que parece ser somente um anagrama do próprio nome (Sosígenes Marinho da Costa), já indicado por Gilfrancisco (2001), Sósmacos é também uma alusão à reunião de referências integrantes e desestabilizadoras que tomavam os grandes centros, a saber, o movimento do Modernismo brasileiro. Tentaremos apresentar, neste artigo, a forma como a narrativa datada de 19/03/1928, com o título de “Coerências”, apresentava o Modernismo a partir de Sósmacos.

Ao tecer algumas considerações sobre o Modernismo brasileiro, tempo em que Sosígenes Costa elabora essas narrativas, Antônio Candido recupera um dos traços desse movimento literário, o de reler (e ressignificar) o homem nesse novo cenário nacional, o qual pode ser visto como um sujeito deslocado, fragmentado e híbrido, o que reforça suas qualidades. Candido afirma que:

O Modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades. A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram certo momento nas pegadas de Graça Aranha, atribui um significado construtivo, heróico, ao cadinho de raças e culturas localizado numa natureza áspera. (CANDIDO, 2006: 127)

Na citação acima nos deparamos com uma referência a Graça Aranha, o qual fundamenta o pensamento de Antônio Candido, tendo em vista que em *Canaã* Aranha possibilita a discussão, também, sobre a figura do imigrante no Brasil, a qual reforça essa constituição do sujeito moderno brasileiro através da heterogeneidade racial. Nesse contexto, a personagem Macunaíma representa bem essa constituição do EU a partir do OUTRO.

Partindo para a narrativa de Sosígenes Costa, o título da crônica em análise parece óbvio: “Coerências”. Até seria, se o tempo em questão o fosse, contudo, o que o Modernismo trazia de mais peculiar era sua fragmentação a partir das sinuosidades estéticas que pairavam sobre o cenário literário nacional desde a década de 1900. Por outro lado, pelas “incoerências” se constituía a coerência de Sósmacos. No texto em questão, mais precisamente no primeiro parágrafo, o narrador faz questão de esclarecer que não é o Sósmacos, de modo que a personagem central (Sósmacos) dessas narrativas é um outro que não se inscreve no texto pelas próprias mãos. A partir dessas estratégias discursivas de afastamento entre narrador e personagem, a personagem central pode ser tomada como a figura que lê o seu entorno a partir das suas “próprias” sensações desconexas, conforme segue abaixo:

Eu não posso nem devo prescindir das locuções eruditas e figuras arrevesadas, nestas memórias que estou traçando da vida de um tão grande extravagante. Devo transmitir ao público os símbolos, que disparam da cabeça desse nosso sonhador Sósmacos, pintados tais quais os apanho e colijo, com vocábulos esdrúxulos e anilina aberrante. Sou naturalmente compelido a tais extremos e auges pela força impositiva da coerência, senhora com quem devemos manter sempre estreitas relações de amizade. (COSTA, 2001: 151)

O parágrafo em análise traz uma das marcas de Sósmacos, a relação que a personagem mantém com o seu tempo, nesse caso, um tempo repleto de transformações estéticas que circulavam pelo país através do ideário modernista. Desse modo, aqui parece nítido que o narrador afasta-se do personagem para que, em processo de identificação, autor e leitor se identifiquem, quando pertinente, com Sósmacos.

A identidade de Sósmacos parece ser constituída pela sua linguagem, memórias e percepções simbólicas que saem de si sobre seu entorno. Desse modo, podemos relacionar sua forma de ser ao que aconteceu e acontece ao seu redor, conforme explica Stuart Hall:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2005: 11)

Essa explicação de Hall permite esclarecer que a estratégia discursiva do narrador afastar-se de Sósmacos é, antes de tudo, uma forma de afastando-se da personagem, possibilitar ao leitor uma “compreensão” imparcial sobre esse sujeito estranho e, ao mesmo tempo, familiar (pois vestia-se dos “fenômenos” que ocupava os grandes centros), que é o Sósmacos.

A crônica apresenta como traço marcante o caráter fragmentário, ou seja, traz para o texto as referências desconexas e digressivas que deverão ser inter-relacionadas pelo leitor. Nessa narrativa sosigeniana não é diferente, na passagem do segundo parágrafo o narrador traz a figura do Barão do Sapo Preto. A nossa recepção sobre essa figura, a qual parece tomar um aspecto de representação da tradição, é que indica a contramão de Sósmacos, nesse caso, o leitor fica diante de duas representações: o moderno (Sósmacos) e o tradicional (Barão de Sapo Preto). Segue a passagem:

O Barão do Sapo Preto não está, porém, pelos autos. Acha que eu me desboco em rijo espadanar de fraseados absurdos e desconcertantes hipérboles. Nem que o

futurismo não estivesse em moda. Nem que o seu credo não fosse esposado pela fauna intelectual de rija envergadura e grande bico. (COSTA, 2001: 151)

Cabe lembrar que a figura do Barão do Sapo Preto apresenta uma relação estreita com “Os Sapos” (Enfunando os papos / Saem da penumbra [...] / O sapo-tanoeiro / Parnasiano aguado [...]) de Manoel Bandeira (1918), nesse caso, os sapos reforçam um apego às tradições literárias, composicionais, comportamentais, enfim, de “velhas” maneiras de ver o mundo. Nesses caminhos contraditórios, caberia ao leitor fazer a melhor escolha de identificação: Sósmacos ou Barão do Sapo Preto? O novo ou o antigo? ...

No parágrafo seguinte da crônica, o narrador mantém os dois personagens (Barão de Sapo Preto e Sósmacos), agora não para realçar suas diferenças, mas para destacar a figura do Sósmacos como alguém original na formulação das suas ideias. Nesse caso, não poderíamos deixar de associá-lo ao próprio movimento modernista, o qual trazia em seu “núcleo” (fragmentado) a presença do novo, ainda que o antigo estivesse sendo apropriado de modo diferente. Segue a passagem em análise:

O Barão do Sapo Preto deve convir em que das idéias de Sósmacos só devem brotar idéias próprias de Sósmacos. A simplicidade neste homem é um mito. Sósmacos simples e desafetado não é Sósmacos. Sósmacos sem arrojados, salganhados, foguetes de lágrima e fogos de bengala, encarna outra tendência a que eu, decididamente, me não propus criticar. (COSTA, 2001: 151)

Acima percebemos, ainda, a mudança de plano do personagem Barão de Sapo Preto, o qual passa à condição de expectador de Sósmacos. É como se o Parnasianismo, personificado na figura do Barão, intimidado pela presença do Modernismo (Sósmacos), observasse sentado e atônito a passagem desse fenômeno estético. Entretanto, Hélio Pólvora (2004) mesmo reconhecendo o moderno em Sosígenes Costa, indica sua aproximação à forma de elaboração poética parnasiana e simbolista.

Apesar de “superar” o Parnasianismo e o Simbolismo, não podemos considerar o Modernismo como um movimento destruidor desses sistemas literários, afinal, o que há é uma re-apropriação e re-significação, ou seja, ainda que se distancie, se distancia a “partir de”. Walter Benjamin apresenta uma dessas relações na modernidade, as quais poderiam ser aplicadas no cenário do Modernismo brasileiro:

De todas as relações estabelecidas pela modernidade, a mais notável é a que tem com a antiguidade. A modernidade assinala uma época; designa, ao mesmo tempo, a força que age nessa época e que a aproxima da antiguidade. (BENJAMIN, 1975: 80)

Conforme possibilita pensar a citação acima, o novo (Modernismo) dialoga com o antigo (Parnasianismo, Simbolismo...). Por isso, falar sobre a figura do Sósmacos é, também, discutir sobre as particularidades que há no Barão do Sapo Preto na crônica de Sosígenes Costa.

Retornando à ideia de movimento literário representado na figura do Sósmacos, destacamos uma das funcionalidades da crônica, que é a de recuperar o cotidiano, de modo ficcionalizado, para o leitor. O leitor novecentista deste texto, ainda que não estivesse a par de todo o ideário modernista, podia ter acesso, mesmo que no modo hermético do texto, às “excentricidades” do que se tornaria familiar mais adiante. O Modernismo aparece para esse leitor em moldes de apreciação, o que parece ser contraditório (uma escrita para não ser compreendida de imediato) é, na verdade, uma estratégia original de se apresentar o novo a partir das imagens verbais. Nesse sentido, Sósmacos parece ser um “ser”, primeiro, das imagens. Gilfrancisco (2001) já indicava a maneira particular de Sosígenes Costa criar, pois o baiano de Belmonte-BA elaborava as imagens em fascínio de cores e movimentos, o que terminava chamando a atenção do leitor

No cenário do Modernismo brasileiro, a participação do escritor é de suma importância, pois o mesmo acaba não somente trazendo as novidades modernistas, mas, também, preparando e traçando o perfil do leitor do século XX. Sobre esse papel, vale apresentar o que afirma Frederick Karl:

O modernismo nasceu do reconhecimento de que, nos interstícios do conhecimento, existe um universo inteiro de coisas que não podem ser mapeadas; de que, nas junturas de todos esses dados abundantes há outros dados que não possuem coordenadas a não ser no espírito do artista; e de que tal artista dissidente é o único que pode, verbal, visual, auditivamente juntar as multiplicidades que tornam a vida moderna tão compartimentalizada. (KARL, 1988: 115)

O modernismo é antes de tudo uma ruptura da linguagem, já que ela (a linguagem) é símbolo “estável” (no sentido enciclopédico) de uma pessoa, comunidade e país. Mudar a linguagem acrescentando neologismos, retirando a pontuação como demarcador de sentido, acrescentando valores semânticos às palavras, é de certa maneira, mostrar o novo através do mesmo (a linguagem).

No quarto parágrafo da narrativa sosigeniana há uma assertiva que indica a ideia de separação entre quem narra e o que é narrado. Essa assertiva deve-se ao fato de que a linguagem de Sósmacos recupera todo um imaginário típico da escrita literária, entretanto, faz parte do próprio processo elaborador e desintegrador do Modernismo:

À primeira vista pode parecer que nem tudo que escrevo é fruto do engenho de Sósmacos, ou que eu tire partido de suas excentricidades e delas me aproveite para dar vazão a chorrilhos agudos de expressões rebuscadas que, porventura, andem cá dentro do meu cérebro a lidar por livrar-se de uma dilatada contenção. O Barão de Sapo Preto, a despeito de ser tão insigne e cabal, formularia, neste caso, outro juízo que a infidelidade cobrirá, mais uma vez, de crepes funerários. (COSTA, 2001: 151 – 152)

O Barão de Sapo Preto surge em “cena” como uma baliza entre o novo e o arcaizante, entre a língua usual e a língua enciclopédica. Novamente o Sósmacos toma espaço como a representação do que há de mais atual, ainda que soe com aspecto de requinte para o leitor da narrativa.

É preciso lembrar que o suporte dessa crônica, a página jornalística de *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, permitia a seu público um acesso à sofisticação crescente da linguagem modernista. Sob esse ângulo, vale pensar acerca do que Lúcia Santaella (1996) aborda sobre o jornal impresso, indicando que conseguiu transformar o caráter verbal da palavra escrita, a qual passou a adquirir uma plasticidade gráfico-imagética:

O jornal compõe-se da interação e simultaneidade da linguagem verbal escrita, da linguagem fotográfica e da linguagem gráfica, evidente está na variação do tamanho e posição dos tipos gráficos no espaço da página como aspecto substantivo da mensagem. (SANTAELLA, 1996: 46)

A relação entre jornal e língua permite-nos refletir sobre o processo de *seleção, combinação e autodesnudamento* (propostos por Wolfgang Iser), usados pelos escritores que habitam esse espaço da escrita. Principalmente os cronistas, os quais permitem que o texto traga consigo as marcas do fingimento, em que o escrito passa a não ser um mero retrato da realidade, tampouco um reduto fechado da ficção.

As referências a Sósmacos como aquele que indica o Modernismo, continua na narrativa em análise. No antepenúltimo parágrafo, o narrador mantém a tônica de associá-lo ao seu tempo, dessa vez traz a figura do palhaço como aquele que está, também, entre os que se

assemelham ao Sósmacos: “Sósmacos é personalíssimo. É interessante como os palhaços estrafalários, os norte-americanos e os talentos egocêntricos.” (COSTA, 2001: 152). Nessa passagem da crônica percebemos, novamente, um diálogo com Manoel Bandeira, mais precisamente, com o seu poema “Poética”, no qual o “lirismo dos clowns de Shakespeare” são evocados. O palhaço a que se refere o narrador sosigeniano parece estabelecer relação com os clowns citados por Bandeira, afinal, essa figura (do palhaço) traz, em si, toda uma flexibilidade contorcionista e performática que pode, sem prejuízo algum, ser associado ao autor modernista que usa do “mesmo” artifício para captar, a partir dos vários ângulos, o lirismo contido no cotidiano local.

Em outro parágrafo da crônica, o narrador traz algumas das fontes de Sósmacos, as quais indicam, por certos “distanciamentos” artísticos, as “aproximações” necessárias para a constituição desse Modernismo representado na figura do Sósmacos. Apesar de podermos detectar possíveis fontes diferentes das que o narrador apresenta, as aqui apresentadas não podem ser esquecidas. Segue a passagem:

Pena é que eu não possa descrevê-lo como a sua originalidade pede. Além de tudo, Sósmacos é paradoxal. Lê Graça Aranha, adora Wilde e acende velas a Bernardes e a Castilho sem deixar de orar pelas alminhas dos gongóricos. Navega nas nuvens e descansa com a “dama da marsúpia” nos contos da lua. Pretende descobrir a pedra filosofal com o simples concurso da água do mar e é amigo íntimo dos faraós ultimamente ressuscitados. (COSTA, 2001: 152)

As fontes de Sósmacos já denunciam as coerências próprias do Modernismo, pois se não traz coerência na unidade dos pensamentos, apresenta coerência na diversidade do seu tempo: o estilo rebuscado do gongorismo (tão peculiar no Barroco e, depois, toma forma como Neobarroco), os escritos de Graça Aranha - um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 -, bem como as expressões literárias de Antônio Feliciano de Castilho (supomos ser esse Castilho) etc.

Antônio Candido apresenta, entre as várias informações que o leitor usará para compreender a obra literária, uma que aponta para alguns denominadores “intrínsecos” e “extrínsecos” da literatura e que fazem parte do que ele chama de “aspecto orgânico da civilização”:

[...] um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra

não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (CANDIDO, 2007: 23)

Nessa forma organizada por Candido ao realizar sua crítica, o autor traz o “sistema” como conceito de organicidade do fenômeno literário, desse modo, o autor, a obra e o leitor não serão tomados como referenciais isolados, mas, interrelacionados de modo que viabilizarão a compreensão da formação de nossa literatura. Tal perspectiva escolhida parece ser a mesma usada por Sósmacos, o qual indica suas fontes enquanto “inspirações” que constituem o seu modo de pensar.

No último parágrafo dessa narrativa de Sosígenes Costa, encontramos um fechamento que, rompendo com a ideia (ou expectativa) de linearidade, não recupera o protagonista Sósmacos, mas a tradicional figura do Barão do Sapo Preto, o qual retoma o final da narrativa enquanto uma alusão ao seu espaço, que pode ser compreendido, conforme indicado antes, como o lugar da tradição. Segue a passagem em questão:

Já se crê, pois, que não pode ser admitido na cidade de marfim da simpatia do Barão do Sapo Preto, fidalgo de tigela inteira, diante de cujos olhos “mademoiselle” Mediocridade, soberana de todos de todos nós, se espenuja reunidamente e tem, lá para seu lado dele, justos requebros, engrimanços e predileções. (COSTA, 2001: 152)

Nessa última passagem, observamos uma alusão ao espaço do Barão, o qual representa os vestígios comportamentais (tais como, por exemplo, a mediocridade) ainda imperantes no cenário de “acomodação” do Modernismo brasileiro. Mesmo chegando com força, o novo (Modernismo) operava em espaços ainda reinados pela tradição (Parnasianismo etc).

Nessa alusão ao tradicional e ao moderno enquanto “situações” que ocupam o mesmo espaço, a narrativa abre espaço à intervenção do leitor, visto que o espaço em questão é, também, o território local de quem lê. Essa representação na narrativa possibilita recuperar o que afirmou Roger Chartier:

A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. (CHARTIER, 1988: 63)

Com isso, o real representado na crônica sosigeniana transcende as folhas jornalísticas, posto que o leitor, ainda que não compreenda todas alusões e metáforas da narrativa, adicionará sentidos ao que se lê.

Por fim, Sosígenes Costa conseguiu traçar nessa crônica o que de mais particular havia no Modernismo brasileiro, suas coerências definidas e definidoras a partir do distanciamento e aproximação com o lado oposto ao movimento, isso através das figuras do Sósmacos e Barão do sapo Preto. Nessa narrativa há, portanto, um “jogo” de inscrição de imagens e de ideias que, ainda que não completamente compreendidas, trazia ao leitor baiano o Modernismo brasileiro e, nesse sentido, a crônica possibilitava acesso ao cotidiano da “metrópole”, visto pelo lado de cá da Bahia de 1928.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos 1750 - 1880. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

COSTA, Sosígenes. *Crônicas & poemas recolhidos*. Pesquisa, introduções, notas e bibliografias de Gilfrancisco. Salvador: Fundação Cultural de Ilhéus, 2001.

GILFRANCISCO. *Introdução: A Pesquisa*. In.: COSTA, Sosígenes. _____. *Crônicas & poemas recolhidos*. Pesquisa, introduções, notas e bibliografias de Gilfrancisco. Salvador: Fundação Cultural de Ilhéus, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

KARL, Frederick. *O moderno e o modernismo: a soberania do artista, 1885-1925*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

PÓLVORA, Hélio. *Sosígenes Costa e o modernismo literário: uma crônica de escaramuças, ironias e afagos*. In: MATTOS, Cyro de; FONSECA, Aleilton. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus: Editus/UEFS, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.